

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PERINA JÚNIOR, Ismael . Ismael Perina Júnior (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre ESCOLA DE ECONOMIA DE SÃO PAULO (EESP/FGV) e FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ismael Perina Júnior
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Mário Grynszpan; Ana Carolina Bichoffe

Técnico de gravação: Ignorado;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 07/08/2012

Duração: 2h 20min

Arquivo digital - áudio: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Trajetória e pensamento das elites do agronegócio”, desenvolvido entre setembro de 2011 e dezembro de 2012, com financiamento da presidência da Fundação Getúlio Vargas. O projeto tem como objetivos a constituição de um banco de depoimentos (registrados em áudio e vídeo), que deverá ser disponibilizado na internet e, eventualmente, servirá como fonte para a publicação de um livro.

Temas: Agricultura; Agroindústria; Associações rurais; Atividade profissional; Café; Cana de açúcar; Colônia agrícola; Comércio internacional; Cooperativismo; Crédito agrícola; Elites agrárias; Empresas agrícolas; Família; Formação acadêmica; Impacto ambiental; Legislação; Legislação agrária ; Política econômica; Produtor rural;

Sumário

Entrevista: 07.08.2012

Arquivo 1: Origens familiares; a chegada de seus avós italianos nas colônias de café; a trajetória de seu pai; seus irmãos e a dinâmica profissional enquanto sócios; as experiências na fazenda durante a infância; a formação escolar; a decisão pelo curso de Agronomia da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp); as experiências durante a graduação; o trabalho na propriedade agrícola da família; a transição da cultura do café para a cana-de-açúcar nos anos 1930; os impactos das políticas econômicas na década de 1970; a questão do crédito rural; as aplicações do conhecimento acadêmico no próprio negócio; a produtividade no meio agrícola; as divergências com seu pai na gestão da fazenda; a cultura de amendoim e o estímulo aos produtores rurais; a entrada no cooperativismo; as políticas de pagamento sobre a cana-de-açúcar na década de 1980.

Arquivo 2: A medição do teor de sacarose para o pagamento das safras; a revolta dos trabalhadores rurais em Guariba; a assistência técnica oferecida aos produtores rurais; a participação em associações e cooperativas; a distinção entre as funções das associações e cooperativas; a participação de grupos do mercado financeiro na cooperativa de crédito; a gestão de seu negócio; a questão agrícola no Brasil; o papel importante na consolidação da cooperativa de produção; a certificação do amendoim para a exportação ao Mercado Comum Europeu; a expansão do negócio para novas áreas; reflexões sobre a questão trabalhista e ambiental no Brasil; a legislação brasileira analisada em perspectiva internacional; as relações entre os produtores rurais e as instituições governamentais.

Arquivo 3: A relação dos produtores rurais com os prefeitos; a agricultura no âmbito internacional; a questão sucessória dos negócios; a possibilidade de arrendamento de terras para usinas; perspectivas do agronegócio brasileiro.

Entrevista: 07/08/2012

Mário Grynszpan – Dr. Ismael, eu queria pedir ao senhor, inicialmente, que falasse um pouco das suas origens, dos seus pais, da sua família, o que eles faziam, de onde vieram.

Ismael Perina – Meu pai era técnico agrícola e...

M.G. – O nome dele.

I.P. – Ismael Perina. Durante muitos anos, ele trabalhou numa empresa privada, a Nestlé. Minha mãe era professora e também trabalhou algum tempo. Depois se casou...

M.G. – O nome da sua mãe.

I.P. – Maria da Penha Borsari Perina. Isso tudo lá em Jaboticabal. Com o casamento, minha mãe foi, para acompanhar meu pai, para Porto Ferreira. Com o falecimento do meu avô materno, meus pais voltaram a Jaboticabal e meu pai assumiu uma fazenda da família, e aí começa toda a minha história de envolvimento com o setor agrícola.

M.G. – Só uma pergunta: a origem da família qual é? É italiana?

I.P. – Italiana.

M.G. – Italiana. Os bisavós e avós?

I.P. – Os avós paternos, italianos, e...

M.G. – O senhor sabe quando eles chegaram, mais ou menos?

I.P. – Eu creio que em final do século XIX.

M.G. – Eles vieram como colonos, não é?

I.P. – Sim.

M.G. – Para o café?

I.P. – Sim. Na verdade, essa linha de agricultura ficou uma parte em Piracicaba, que era a origem do meu pai, mas que ela praticamente se extinguiu, na produção agrícola. E depois, pelo avô materno, de origem italiana – a minha avó era de origem espanhola. E a partir de então se iniciou todo esse vínculo meu com a agropecuária.

M.G. – E seu pai estudou?

I.P. – Meu pai fez Colégio Agrícola.

M.G. – Onde?

I.P. – Lá em Jaboticabal, que depois veio a ser formada uma instituição da qual eu vim a me formar, que eu vou comentar um pouquinho depois, que é a Unesp, hoje Unesp de Jaboticabal. Com a sua formatura, como eu disse, ele foi trabalhar numa empresa de laticínios, a Nestlé, [inaudível] permaneceu por 22 anos e, voltando para Jaboticabal, iniciou todo um trabalho de condução dos negócios da família, que foram herança do meu avô.

M.G. – E com quantos irmãos...? Seu pai tinha irmãos, ou tem irmãos?

I.P. – Meu pai tinha... Veio de dois casamentos do meu avô e eram, no total, acho que onze irmãos.

M.G. – Ele era o mais velho, o seu pai?

I.P. – Não. Era um dos mais novos. Inclusive, ele perdeu o pai e a mãe muito cedo, foi criado por algumas irmãs que ficaram solteiras e logo... Com 13 ou 14 anos, ele já saiu de casa e foi estudar em colégio... porque o Colégio Agrícola era em sistema de internato. E por lá ficou. E

depois a vida já indo para solo, em carreira solo, buscando aí algumas empresas e, depois, indo para a Nestlé.

M.G. – Mas ele era o filho homem mais velho? Ou não?

I.P. – Não, não.

M.G. – Porque, em geral, nessas sucessões, o filho mais velho é quem acaba ficando, não é?

I.P. – Como a parte dessa propriedade agrícola era do meu avô materno [inaudível], eram dois filhos só, minha mãe e um irmão dela, e com o falecimento do meu avô, acabou ficando um pedaço para a família de meus pais.

M.G. – E o senhor, quantos irmãos o senhor tem?

I.P. – Nós éramos em quatro. Eu tenho um irmão que faleceu, e hoje nós somos em três. Os três são até hoje sócios. A gente tem todos os negócios em comum. Dividimos mais ou menos setorialmente: a parte de produção agrícola é de minha responsabilidade, os controles financeiros praticamente estão todos na minha alçada; um dos irmãos trabalha a área de produção pecuária, que não está em Jaboticabal, está fora da região, um pouquinho ali em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul; e um outro irmão... A gente, ao longo desse processo, acabou criando uma vertentezinha de área comercial, e esse irmão mais novo está basicamente ligado a essa área.

M.G. – E qual é a ordem de nascimento? O senhor é o primeiro? O segundo?

I.P. – Eu sou o primeiro...

M.G. – O senhor é o filho mais velho.

I.P. – ... Nascido em 1958.

M.G. – Qual é a data de...?

I.P. – Quatro de julho de 1958.

M.G. – *Fourth of July*, a independência americana.

I.P. – É, eles comemoram lá. Mas está bom.

Ana Bichoffe – E o senhor nasceu em Jaboticabal?

I.P. – Eu nasci em Jaboticabal.

M.G. – E aí o que o senhor lembra? O senhor nasceu na fazenda?

I.P. – Não. Nasci já no município.

M.G. – Seus pais moravam em Jaboticabal ou moravam na fazenda?

I.P. – Nessa época, meus pais já estavam em Porto Ferreira. A ligação é por conta de vir para a casa da mãe para ter o primeiro filho, aquela coisa um pouquinho de antigamente. Então, era muito comum isso. Então, eu acabei nascendo em Jaboticabal. Os outros irmãos, os dois nasceram em Porto Ferreira. Basicamente é isso.

M.G. – Então, quando o senhor nasceu, seu pai era técnico da Nestlé?

I.P. – Isso.

M.G. – E até que idade do senhor...

I.P. – Eu tinha oito anos, quando o meu avô faleceu, em 1966. A partir daí, eu já fui morar com a minha avó, até a regularização das coisas do meu pai, e em 1967 a família acabou vindo de vez para Jaboticabal.

M.G. – E até... Durante essa época, o senhor tinha algum contato com a atividade rural, quando seu pai era técnico da Nestlé?

I.P. – Não. Muito pouca. Só de férias. Aliás, muito pouca não; era intensa, porque meu avô era muito ligado à atividade rural. A vida dele era a questão rural. Então, desde pequeno, nas férias nossas, eu com seis ou sete anos de idade, meu vó já dava serviço para a gente, obrigava... Obrigava não, estimulava a questão do trabalho, ensinando, buscando e tentando valorizar muito o trabalho.

M.G. – Em que escola o senhor estudou? O senhor lembra dos nomes [das escolas]?

I.P. – Lembro. Eu iniciei, em Porto Ferreira, os dois primeiros anos de grupo, na Escola Sud Mennucci; com a transferência para Jaboticabal...

M.G. – Era escola pública?

I.P. – Era pública. Quando da ida para Jaboticabal, o terceiro e o quarto ano de grupo, também em um colégio... gerenciado por uma paróquia – lá em Jaboticabal, era o Colégio São Tarcísio. Terminada essa fase e iniciando a fase que à minha época era o ginásial, na Escola Estadual Arrobas Martins, também estadual, pública, e o colegial, o antigo... Foi naquela fase de transição de científico para colegial, onde houve a mudança de nome. [O colegial], aí sim, já foi em um colégio particular que existia lá em Jaboticabal, o Colégio Santo André, e eu me formei em técnico em laboratório.

M.G. – Era uma escola técnica?

I.P. – Era uma escola técnica. Foi [inaudível] praticamente o início das escolas técnicas na região. Talvez foi uma das primeiras... À exceção do Colégio Agrícola, que era muito antigo, ali na cidade, além de contabilidade, era o terceiro curso técnico que existia.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

I.P. – Nessa época, não, porque estava muito próximo ali à cidade e eu... Apesar de ter vínculo, nunca caiu a ficha. Então, isso nunca... À época, nunca veio como opção. Aliás, era uma opção, mas não foi efetivada. Eu acabei ficando ali e estudando em Jaboticabal. O colégio era muito próximo à casa da minha avó e a gente... Quando nós viemos de Porto Ferreira, meu pai quis morar na fazenda. Então, tinha uma pequena distância. Então, eu praticamente ficava alguns dias da semana na casa da avó, que era muito próximo ali e facilitava bastante. Terminado o colegial, eu fiz seis meses... praticamente cinco meses de cursinho em Ribeirão Preto, no Curso Cesar Lattes, e no meio do ano teve o vestibular e eu entrei na Faculdade de Agronomia de Jaboticabal mesmo.

M.G. – E em que ano foi isso?

I.P. – Isso foi em julho de 1976.

M.G. – Por que, não tendo... [inaudível] o Colégio Agrícola, por que o senhor decidiu pela Faculdade de Agronomia depois? O que pesou? Havia um estímulo do seu pai para que o senhor fosse estudar agronomia?

I.P. – Não. Meu pai sempre deixou muito liberada essa questão. Meu pai tinha... Era muito trabalho, também, e uma vida bastante restrita – os tempos eram outros –, mas essa questão, tanto meu pai como minha mãe deixaram muito livre para que eu escolhesse. E o fato de ter escolhido agronomia talvez tenha sido por dois motivos principais: primeiro, porque eu, de uma forma ou de outra, estaria vinculado com aquilo que a família tinha, e um outro ponto é que o curso de agronomia, ainda hoje, é um curso que te abre portas para praticamente você seguir todas as linhas, quer seja em ciências sociais, em exatas, em biológicas. Então, o leque é tão diversificado que você pode optar, à frente, qual aquela de interesse. E talvez tenha sido essa a grande opção pelo curso de agronomia. E eu, durante o curso, a minha intenção, pelo menos numa primeira fase, nunca foi de continuar trabalhando na fazenda. A ideia era sair, estudar fora, fazer cursos. Mas depois acabou problemas de vida impedindo que eu, naquele momento, pudesse estar fazendo isso.

M.G. – E o que o senhor lembra da sua época de faculdade? Professores que foram importantes na sua formação; o que o senhor mais gostava na faculdade...

I.P. – O curso de agronomia, como todos os cursos, eu acredito, tem um início bastante cruel, onde você tem que fazer toda aquela bateria de cursos básicos. Após esse período, a gente já percebeu que o mais interessante, para mim, era a questão da lavoura propriamente dita, de você estar indo para a área produtiva – basicamente, ligado à produção agrícola e, também, à pecuária, que sempre foi uma linha minha de... que eu gostava, que me dava bem. Alguns professores, é óbvio, pela capacidade. Um que marcou, da parte de curso básico, foi um dos professores do terrível cálculo, para nós, o Cálculo I, a Matemática I, a Matemática II. Mas era um professor extremamente didático. O pessoal tinha muita dificuldade, mas ele era, realmente, um professor que entendia muito da matéria. E inclusive, agora, passados alguns anos, meu filho faz agronomia e ele pôde auxiliá-lo, também – ele continua dando umas aulas particulares lá. E depois, alguns professores voltados para essa questão da agricultura em si: produção de frutas, produção de soja, produção de milho, produção de amendoim. Meu trabalho de graduação foi na área de amendoim. Hoje, basicamente por um trabalho que eu vou talvez poder relatar um pouquinho mais para frente, a cooperativa à qual eu estou vinculado trabalha muito forte com amendoim. Eu acho que essas coisas foram... Por incentivo também meu, durante a minha estada lá na cooperativa. Então, acho que essas coisas vão ajudando a formar alguma linha, buscando até sucesso para as empresas dentro daquilo que você, ao longo do período aí da sua vida, pôde se capacitar.

M.G. – Havia alguma movimentação política na universidade naquela época lá? Porque é bem a segunda metade dos anos 1970, início de abertura política...

I.P. – Isso. Coincidentemente ou não, Jaboticabal nunca foi um centro político de peso. Então, as grandes preocupações à época, a minha principalmente, era, primeiro, ir relativamente bem nos estudos; segundo, a gente tinha um timinho de basquete lá na faculdade que a gente se dava muito bem, era muito entrosado, então a gente prezava muito por isso, treinava para caramba e ia disputar jogos. Nós vivemos, a esse período de faculdade, uma restrição muito grande de recursos. Na década aí de... final de década de 1970 e início de 1980, praticamente... Houve uma crise grave de falta de recursos, a faculdade não

disponibilizava nada, então, para disputar os jogos lá em Curitiba e Goiânia, a gente foi no peito, foi de carro, arrumou. Então, a gente tinha uma turminha que... E isso ficou também, nessa época, bastante marcado para mim. E a gente foi... Em um, fomos vice-campeões; no outro, fomos campeões. Então, é aquela coisinha de história de faculdade que vale a pena relembrar, não é?

M.G. – E o senhor se formou em que ano?

I.P. – Eu me formei em julho de 1980.

M.G. – Em julho de 1980. E o senhor, da sua turma, o senhor lembra de alguém que conseguiu ter algum destaque? Enfim, o que as pessoas foram fazer, em geral, dessa turma, desse seu grupo mais próximo?

I.P. – Alguns foram para a área de pesquisa; a grande maioria, para área de produção, ou vinculado a alguma empresa ou com atividades próprias. Eu acho que, basicamente, da minha turma, foram... Era uma turma pequena, relativamente pequena – porque, da minha turma, nós entramos em 45 e, na formatura, nós tínhamos praticamente 30 pessoas da turma, e mais alguns de outras turmas, mas, da turma que entrou e saiu nesse período de quatro anos, foram praticamente 30. Alguns companheiros trabalhando em multinacional, também, de fertilizante e de defensivo e em empresas nacionais de fertilizante. E hoje temos aí talvez umas 12 a 15 pessoas que, nos encontros rotineiros aí, a cada cinco anos, estão todos presentes lá na faculdade. Então, é uma turma bastante pequena. Alguns foram para longe; outros, infelizmente, já passaram por essa vida, mas a gente tem... pelo menos esse grupinho de 12 a 13 pessoas aí, a gente tem procurado, pelo menos nos cinco anos, se encontrar e poder estar junto.

M.G. – E quando o senhor se formou, o senhor foi fazer o quê? Como é que foi?

I.P. – O meu projeto era sair, como eu disse.

M.G. – O senhor queria ir para onde? Se pudesse ter saído, o senhor iria para onde, naquela época?

I.P. – Eu tinha uma proposta bastante firme de ir para a África, passar um ano na África desenvolvendo alguma coisa, ou...

M.G. – Tinha algum país em especial?

I.P. – Era em Angola.

M.G. – Angola?

I.P. – Angola. E talvez ir para os Estados Unidos. Porque, à época, o diferencial de produtividade de agricultura era imenso, entre Brasil e Estados Unidos. Era um diferencial muito grande. Hoje, felizmente, as coisas estão caminhando, em algumas culturas, para uma aproximação, e em algumas nós já estamos mais eficientes, como é o caso da soja. Mas isso tudo... Nesse meio de percurso, houve o falecimento de meu irmão. E aí meu pai estava muito debilitado e aí, [por] uma pressão forte de um tio, eu acabei ficando e aí comecei a desenvolver o trabalho nessa propriedade agrícola que é lá em Jaboticabal mesmo.

M.G. – Qual é o nome da...?

I.P. – Fazenda Belo Horizonte.

M.G. – E o que a Fazenda Belo Horizonte produzia?

I.P. – À época, ela tinha uma diversificação grande. Então, com a minha... Não é uma fazenda grande; é uma fazenda média: 580 hectares. E basicamente era produzido cana-de-açúcar, que, à época, pelas dificuldades do meu pai, estava arrendada para uma usina. Em uma outra parcela, se cultivava amendoim e soja e tinha um pouco de pecuária. Essa área de amendoim e soja, também desenvolvida por um parceiro amigo nosso, e a gente trabalhava junto. Com a minha formação, eu vim assumindo essas áreas que estavam arrendadas e iniciamos o plantio

de cana-de-açúcar – aí já numa configuração não mais de arrendamento, mas a gente trabalhando a produção –, e iniciei também a produção de forma própria de amendoim e soja. Com o passar do tempo, houve um investimento em irrigação e eu comecei a trabalhar com produção de sementes, principalmente feijão e soja, para fornecimento para a empresa... basicamente, empresa pública, que era a Secretaria de Agricultura, que, à época, tinha uma forte presença na produção, principalmente, de feijão. Depois, a gente tinha um pouco de fruticultura, também – basicamente, uma produção de manga e uma produção de limão e, com o passar do tempo, adquirimos uma propriedade vizinha que tinha uma produção de laranja, também. E isso foi se conduzindo. Felizmente, as coisas foram caminhando relativamente bem. Nos anos de 1984 e 1985 – acredito que 1985 –, a gente pôde aumentar um pouquinho a produção e aí adquiri uma pequena propriedade lá no Triângulo Mineiro, e aí iniciamos também uma produção de soja lá e, com o passar do tempo, com a vinda do meu irmão que estava em estudo, ele assumiu essa área e a gente começou a trabalhar um pouquinho mais forte a questão de pecuária.

M.G. – O senhor falou que o seu pai estava passando por dificuldades, quando o senhor se formou. Mas, só voltando um pouquinho, o seu pai chegou a plantar café em algum momento? Ou não? Com o seu avô...?

I.P. – O meu avô, sim. Quando nós chegamos nessa... Quando meu pai chegou nessa propriedade, já estava praticamente a produção de café na região se extinguindo. Nós tínhamos ali uma pequena área, talvez uns 15 a 18 hectares, em que ainda se produzia café, que praticamente... Era um café velho e, com a minha chegada, praticamente foi onde houve a eliminação. E o café, eu me recordo que era parte do meu trabalho que o meu avô me dava, que era mexer o café no terreiro e ajudar a ir buscar o café na roça para trazer para o terreiro para a secagem. Então, isso é a parte muito boa que eu trago de recordação do meu avô.

M.G. – Porque foi comum essa passagem, quando os antigos colonos italianos começaram a comprar terras, isso na década de 1930 mais ou menos, porque as antigas famílias começam a se endividar e perdem... de fazer essa transição para a cana, do café para a cana, para, inicialmente, cachaça, não é?

I.P. – Isso. Meu avô, basicamente, chegou a essa época. A mãe teve um problema familiar, porque o pai faleceu na viagem, também, então, chegou a mãe com meia dúzia de filhos lá, e com as dificuldades. E, felizmente, esse meu avô trabalhou bastante, se deu relativamente bem e as coisas evoluíram. E quando ele faleceu, realmente, ele... Uma pessoa que chegou sem nada ter um pequeno patrimônio era um sinal de satisfação pessoal, de vitória pessoal, não é?

M.G. – Seu pai... A década de 1970 foi a década em que o pessoal da cana deu uma forte alavancada. Tinha muito crédito, não é? É a época do Proálcool, do IAA, e tinha muito crédito, muito recurso. Seu pai não conseguiu crescer nessa época?

I.P. – Isso, como eu te disse... A essa época, a fazenda foi arrendada para uma empresa, que talvez tenha colhido um pouquinho desses benefícios do crédito. Mas foi importante porque tinha, ainda, bastante área em produção pecuária e as pastagens não eram... O desenvolvimento de pastagens, à época, não era tão bom como hoje, então, você tinha aí algumas dificuldades. O crédito existia muito forte – já nessa década – para a cana, mas as outras culturas tinham as dificuldades. Como eu te disse, logo que eu me formei, que eu comecei a trabalhar, eu ainda peguei o finalzinho desse crédito, mas ele já foi um pouquinho mais complicadinho, porque, a essa época, já se inseriu a tal da correção monetária nos financiamentos, então, ele já não ficou tão estimulante como ele era. Porque você tinha um vínculo que, dependendo do que acontecia com a economia, você ia ter os seus recursos atualizados por uma correção monetária, que, para a agricultura, é muito cara, é muito... Acaba gerando um problema seríssimo, porque ela é muito custosa. Então, os primeiros plantios de cana que eu realizei na fazenda foram com esses recursos. E, basicamente, no terceiro ou quarto ano já de atividade, eu tinha financiado um trator agrícola e, pelo fato de ter essa correção monetária, criou um problema seríssimo. Nisso, teve uma crise econômica e, quando eu fui quitar uma parcela desse trator, praticamente, essa parcela... Porque era dividido em cinco [parcelas]. Praticamente, essa parcela equivaleria à metade do trator. Então, foi quando eu tomei uma decisão na minha vida, e que eu acho que foi importantíssima e recomendo: que as pessoas tenham cuidado em utilizar crédito rural. Porque o crédito rural, em determinadas épocas, para você pegar o dinheiro e aplicar na agricultura, às vezes, você não tem o retorno esperado e fica muito difícil você quitar esses

problemas. Então, a partir de lá, eu tomei a decisão de praticamente não utilização de crédito rural. E hoje, o que a gente tem feito basicamente é com recursos próprios. E eu acho que isso é um caminho, porque você consegue ter na mão aquilo que você pode mexer para lá ou para cá. E a linha é o seguinte: se tem o recurso, faz; se não tem, espere um pouquinho que depois você faz. E eu acho que talvez esse instrumento, que hoje é muito pouco falado no país, que é a questão da poupança, da poupança ser um instrumento forte de alavancar negócios, para todas as pessoas, as mais comuns, eu acho que ela é muito efetiva, porque ela te dá a tranquilidade de você olhar o negócio com uma visão mais forte. É óbvio que é uma linha pessoal. Outras pessoas se utilizam muito de crédito e se dão bem também. Mas eu acho que é uma linha que te dá tranquilidade para você decidir a melhor forma de atuar, uma vez que você não tem grandes débitos a serem pagos. Então, eu acredito muito nessa questão de as pessoas gerenciarem as coisas com os recursos próprios. E procurar, ao longo do tempo, fazer um colchão, que te permite, nas dificuldades, poder estar atuando para acertos, nessas épocas mais difíceis, que, na agricultura, é muito comum, altos e baixos, altos e baixos. Isso é uma constante.

M.G. – O que o senhor lembra que o senhor trouxe talvez de inovação para a produção na fazenda, quando o senhor veio? O que o senhor trouxe da faculdade que o senhor aplicou que foi importante para que o negócio crescesse, para que fosse mais adiante?

I.P. – É uma questão interessante porque, basicamente, as faculdades, inclusive as de agronomia, acabam não dando uma visão muito prática da questão agrícola para as pessoas em formação. Excepcionalmente, a faculdade da Unesp lá de Jaboticabal tem uma característica que... Essa questão de campo é mais ativa um pouco. Eu vejo assim: a Faculdade de Agronomia de Jaboticabal, na sua formação, dos técnicos, dos agrônomos de lá, procurando ter uma visão mais prática um pouco, mas ainda é um pouco aquém. Hoje, talvez a maioria das universidades acabe centralizando muito, ficando muito na própria faculdade e isso talvez... É óbvio que tem uma outra vertente, a vertente administrativa, de gestão, que é importante também, mas acaba a questão campo ficando um pouquinho fora desse ensino. E quando da minha formação... É óbvio que aí você... Se você, na formação, você teve um leque de assuntos, aí você começa... Você é obrigado a especificar algumas coisas. Dos pontos importantes, primeiro, ser diferente, procurar fazer coisas fora do comum, daquele

tradicional, para você tentar ter ganhos de produtividade e redução de custos. Essa é uma batalha que, desde o primeiro dia, a gente convive com ela, e a formação passa a ser importante, porque você tem todo um arcabouço de informações que te permite gerenciar de uma maneira mais técnica. Eu acho que esse é o grande diferencial. Hoje, isso também é muito possível com boa parte de cooperativas, que têm um corpo de técnicos bastante treinados nessa área e que pode auxiliar as pessoas que, por uma eventualidade, não tenham formação nenhuma. Então, eu acho que essa questão da faculdade foi essencial para mim, essa questão de estar mais atualizado com o problema custo, com aonde você quer chegar, de visão. Eu acho que a faculdade trouxe bastante isso para a minha formação.

M.G. – Mas, naquela época, o senhor já tinha essa visão de que era importante, que esses temas eram importantes [inaudível], ou é uma coisa mais de agora?

I.P. – Eu acho que essa visão acontece e você começa a ter a percepção um pouquinho depois. Na hora, na hora, talvez... Você não sente, porque você está muito vinculado e isso passa despercebido. Provavelmente, para muitas pessoas, vai passar despercebido. E essa questão, você começa a ter essa sensibilidade depois de algum tempo que passou.

M.G. – E que decisões práticas o senhor acha que foram importantes que o senhor tomou naquela época? Além dessa questão do crédito que o senhor falou, o que o senhor fez ali naquele momento que foi importante para ganhar produtividade, para reduzir custos?

I.P. – Eu acho que a primeira delas foi um investimento em uma tecnologia que, no Brasil, era talvez um pouco incipiente, que foi a aquisição de equipamento para irrigação, para você corrigir um problema de déficit hídrico que a gente tem no período aí de abril a setembro e procurar, dentro daquela mesma área, estar produzindo duas ou três culturas por ano. Não foi uma grande área, era uma área limitada, mas eu acho que isso foi importante. Um outro ponto foi também de procurar, dentro da área produtiva de cana-de-açúcar – porque hoje, praticamente, boa parte da propriedade é de produção de cana-de-açúcar –, foi tentar aproveitar ao máximo o que você tem disponível para te permitir uma boa produtividade, e contando, especificamente, com talvez as questões de qualidade de terra e questões climáticas, aproveitá-las ao máximo, sem necessidade de inserir grandes custos. Hoje você

tem aí uma discussão forte, a questão de irrigação em cana, isso e aquilo, mas nós... Especificamente aquela região é uma das regiões mais propícias à produção de cana-de-açúcar sem irrigação, por questões de referencial de custo. Então, quando você insere irrigação, e o ano não sendo tão catastrófico na questão climática, você consegue níveis de produtividade que te dão um bom suporte e um bom resultado. Então, dentro disso, você tem... A área de produção de cana tem uma grande diversidade para você poder estar trabalhando a questão varietal, porque são inúmeras variedades; você procurar em cada tipo de solo dentro de uma propriedade, que, muitas vezes, parece muito comum, mas eu tenho, pelo menos, três tipos diferentes de solo dentro de uma mesma propriedade; a questão da encosta, de ela estar num plano contrário ao nascer do Sol. Essas coisas têm uma interferência grande. Então, procurar aprimorar essas coisas, para estar colhendo o melhor possível dentro disso. Uma outra questão, e essa eu acho que fica marcante, também, é como o Brasil trabalha um pouco errado essa questão de crédito rural, de incentivo. Às vezes, você precisa ir um pouquinho na contramão para poder aproveitar essas questões de uma maneira melhor. Então, isso tudo foi acontecendo, e hoje eu vejo que, passado vários anos aí que a gente está na atividade, que o caminho é por aí, é tentar sempre trabalhar de uma forma melhor, para você conseguir bons resultados.

M.G. – E o seu pai aceitava bem as mudanças que o senhor propunha lá? Ou tinha conflitos? Porque às vezes tem.

I.P. – Às vezes tem. E no nosso caso teve bastante. Teve bastante porque, realmente, é uma diferença de praticamente uma geração de vida. O pai, quando quer te liberar as coisas e tem... Mas a gente estava numa fase difícil e, infelizmente, algumas brigas aconteceram, briga, briga mesmo, de... Mas até um determinado momento, que eu acho que, para nós, foi bom, bom no momento que meu pai chegou e falou: “É o seguinte, você tem formação, você trabalha, faz do teu jeito”. Eu acho que aí teve um problema, porque meu pai se afastou um pouco de mais do que eu gostaria, mas, enfim, para aquele momento e também para o momento de gerenciar a empresa, tinha alguns pontos positivos. E aí as coisas foram acontecendo mais ou menos da forma como eu administrava. Eu tinha dois irmãos, também, que, passados três ou quatro anos, a gente teve que incorporar algumas questões, também, admitir que tem um outro irmão. Mas a gente... É óbvio que briga um pouco. Cada um tem

um jeito de ser. Essas coisas familiares são bastante fortes, não é? Você tem o teu irmão e às vezes você não comunga de alguns princípios – princípios não, alguns pensamentos. E, felizmente, hoje, passados alguns anos, a gente se dá muito bem, cada um na sua área, tendo seu jeito de ser, tendo a sua forma de pensar, mas todos eles muito vinculados, hoje, à minha mãe. E as famílias, também muito próximas. A gente faz questão de, quase que todo final de semana, a família inteira estar lá. Então, isso é muito bacana.

M.G. – Seus irmãos, como eles se chamam?

I.P. – Ivan e Marcelo.

M.G. – Eles estudaram agronomia, também?

I.P. – O Ivan foi para a área de administração de empresas e, no final do curso, quis sair, não quis concluir, quis ir trabalhar e, enfim, abandonou e foi embora, e o Marcelo, sim, também acabou indo para a área de formação em zootecnia, que é também muito vinculada à produção pecuária, mas praticamente, hoje, ele está fora dessa área, mas acabou convivendo um pouco lá na fazenda, e onde a gente definiu procurar aumentar um pouquinho o leque. Porque a agricultura é muito instável. A agricultura, a gente trabalha há um bom tempo, essa instabilidade de dependência de clima, de política agrícola, de governo, disso e daquilo, pode causar alguns traumas que, efetivamente, vão para um ponto que às vezes... A rentabilidade baixa demais e você tem problema em cada um gerenciar inclusive sua própria família. Então, a gente procurou diversificar um pouquinho, indo para uma área comercial, indo na pecuária, e hoje a gente consegue ter, relativamente, um bom desempenho e cada um está com a sua vida relativamente arrumada, então, isso tranquiliza um pouquinho.

M.G. – Mas vocês são sócios em todos os negócios?

I.P. – Somos sócios em todos os negócios. A gente tem firmado entre a gente que, até onde der – e isso, eu acredito que esse momento está se exaurindo –, a gente permaneceria junto e com todos os negócios compartilhados. Eu até cito aqui, durante um período, a produção... O ano de 1997 e 1998, naquele processo de desregulamentação do setor sucroenergético...

sucroalcooleiro, foi bastante traumático, e aí eu falei: “Puxa vida! Nunca trabalhei para ninguém, eu quero testar”. E aí acabei indo prestar uma consultoria para uma empresa, que foi muito importante para mim. E inclusive, o que eu ganhava não era meu. Tem que vir... Porque senão você começa a desagregar um pouco. Então faz parte. Você vai deixar de trabalhar um tempo aqui para a empresa, se você vai trabalhar... Mas os recursos têm que vir para cá e faz parte do negócio como um todo. Então, eu acho que isso... A gente tem muito claro isso. A gente tem lá praticamente 25 anos trabalhando dessa forma e as coisas estão caminhando. Acontece que as famílias aumentam um pouquinho, os filhos começam a ir para a faculdade, começam a palpitar um pouquinho, pai e filho se entendem, pai e tio... Apesar de a família ser muito, muito, muito ligada, não temos esse tipo de problema, mas que, eventualmente, no futuro, pode acontecer. Então, a minha grande tarefa, talvez, nos próximos dois anos aí, é trabalhar forte de tentar acomodar e ver como é que vai ficar melhor para gerenciar os negócios da família.

M.G. – Deixa eu voltar um pouquinho. O senhor falou que, na faculdade, duas áreas de interesse do senhor eram: pecuária e amendoim. Como é que foi isso, quando o senhor vai para a fazenda? O que acontece com o amendoim e a pecuária? O que o senhor fez nesse sentido? O senhor falou mais da cana, não é?

I.P. – Algumas questões... Eu tinha uma preocupação muito forte, também, com a área de conservação de solo, porque, à época, essa questão não era muito bem-vista. E eu confesso que eu tive uma decepção enorme, no meu começo de vida profissional, onde venceu um arrendamento de uma área da usina e eu comecei a trabalhar nessa área, e ela tinha já uns probleminhas de início de erosão e eu procurei fazer, dentro da melhor técnica possível, todo o trabalho de conservação bem-feito. E, coincidentemente, terminado esse trabalho, com todos os terraços dentro das normas previstas, rapaz, me dá uma chuva lá, uma chuva fora da normalidade, e tudo que eu tinha feito, estraga tudo. E aí eu acho que vem para ensinar algumas coisas, também. Então, esse talvez foi o ponto que... Hoje eu sou um aficionado por conservação de solo. Eu acho que a gente tem uma enorme tarefa, o agricultor, o agrônomo, de preservação, porque a terra é um bem que está aí e a gente tem obrigação de deixar ela melhor para as futuras gerações do que a gente pegou. Eu acho que hoje a minha fazenda tem essa condição: a fazenda da família, hoje, ela é melhor do que quando eu comecei a trabalhar.

Então, eu acho que esse é talvez a minha fonte inspiradora aí, de cada vez mais estar melhorando as condições para se produzir, as condições de produtividade, mas permanecendo em condições de estar produzindo mais no futuro.

M.G. – E o amendoim e a pecuária?

I.P. – O amendoim foi bem. O amendoim foi bem. O amendoim... Aí tem um processo que eu vou... Logo depois dessa avalanche... Eu vou voltar já, já para o amendoim, mas para falar que, em 1983, no ano de 1983, eu comecei... Eu gostava muito da questão cooperativa. Meu pai fazia parte do conselho da cooperativa, eu sempre insisti muito para que ele fosse...

M.G. – Da cooperativa local?

I.P. – Da cooperativa local. E aí essa questão do amendoim, especificamente, ela... A gente iniciou o trabalho, não era uma área muito representativa, mas o amendoim tinha um problema sério, porque ele era uma cultura que, basicamente, aqui no Brasil, você tinha uma variedade só, uma variedade que já vinha com mais de 30 anos à época, quase 40 anos que ela foi criada, e o período de maturação dela acontecia em final de fevereiro, início... final de fevereiro ou, o mais tardar, início de março, onde a chance de ter muita chuva era muito grande. Então, era muito comum você perder muito. O ano que dava certo, ia super bem, mas o ano que dava errado, você perdia, e perdia muito. No primeiro ano que eu plantei amendoim, foi muito bem. Inclusive, foi ele que permitiu a aquisição de uma pequena área vizinha. Então, não era uma área muito representativa, mas foi bem. A partir de então, todo ano fazendo, um ano indo bem, outro ano perdendo. No final, a média lá, eu acho que foi positiva. E que isso veio mudar muito com uma decisão que eu, já como membro do conselho da cooperativa, tive oportunidade de opinar, insistir muito, brigar, para que, realmente, uma cooperativa de produtores de cana abrisse seu estatuto para permitir a entrada de outros produtores, e tivemos a inclusão de outras culturas. E a partir de então foi possível a cooperativa regional, hoje, como a principal cooperativa exportadora de amendoim do país. Então, eu acho que esse foi o grande... Sair daquele tradicionalismo da cana, brigar muito para se construir uma unidade e, ao longo desse período, se aperfeiçoar essa unidade e permitir que ela chegasse lá no ponto que a Coplana, que é a Cooperativa dos Produtores de

Cana de Guariba, que mantém o nome, ainda é Cooperativa dos Produtores de Cana da Zona de Guariba... Isso fez com que fosse um estímulo muito grande para vários produtores da região, criando mais uma oportunidade de negócio.

M.G. – E o senhor introduziu novas espécies e variedades também?

I.P. – Aí tem uma história complicada. Eu acho que eu vou deixar esse ponto para comentar daqui a pouco.

M.G. – Daqui a pouco. Está bem.

I.P. – Porque eu vou... Podemos estar entrando nela já aqui. É a questão da minha inclusão no associativismo e cooperativismo. Em 1983, o setor produtivo de cana-de-açúcar...

M.G. – Em que ano, o senhor falou?

I.P. – Mil novecentos e oitenta e três. O setor produtivo de cana-de-açúcar estaria passando por uma revolução. Muita gente, às vezes, não vê claramente isso, mas eu entendo que foi o que aconteceu à época, que era mudar todo o escopo de exploração da cana: não mais só pelo peso, mas pela qualidade dela. Então... Essa mudança, o dr. Roberto Rodrigues foi convidado a ser o diretor do Departamento Técnico da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba, e a Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba sempre foi uma associação bastante... Com um peso forte, porque tinha uma grande quantidade de produtores e um grande volume de cana produzido.

M.G. – Os usineiros estavam nessa associação, também?

I.P. – Não. A associação é exclusivamente de produtores. À época, a legislação dizia que 50% das canas deviam ser de produtores. Tinha um regramento, através de portarias lá do IAA, que você, obrigatoriamente, tinha que ter cana de produtor. E era uma discussão muito grande. As pessoas vivenciaram toda uma vida de peso, e cada carga, cada cana, usina ia

ser... E paga pelo teor de sacarose que ela continha. Então, foi processo bastante complicado, porque mudou...

M.G. – Desde quando? Quem foi que propôs isso?

I.P. – Essa começou de um grupo de produtores. O pai do dr. Roberto Rodrigues, o dr. Antonio José Rodrigues, ele tinha sido vice-governador do estado e tinha políticos interessantes, e uma..., “Isso aqui vai ter que pagar por qualidade”. Esse movimento já vinha. O Nordeste já vinha fazendo alguma coisa nesse sentido, porque, à época, o Nordeste... representatividade da produção era maior e esse assunto foi... A grande... acabou dando pesquisa. Foi onde o Brasil conseguiu alcançar os índices... e de qualidade da matéria-prima. E aí, nesse período, o dr. Roberto me convidou para ser um dos conselheiros desse Departamento Técnico...

M.G. – Alguma relação nessa época?

I.P. – Não. A relação, basicamente, foi iniciada por uma pessoa que era o convidado para ser o gerente do Departamento Técnico e que [inaudível] uma relação boa comigo, onde se criou... A rigor, a rigor, eu conhecia o dr. Roberto através da faculdade, porque ele dava a disciplina de cooperativismo lá na Unesp. A partir daí, evoluíram e, salvo engano, na safra... em 1984 se iniciou o primeiro ano de pagamento da cana pelo teor de sacarose.

[FINAL DO ARQUIVO 1]

M.G. – Continuando, o senhor estava falando então dessa... Eu tinha perguntado para o senhor como é que se fazia a medição do teor de sacarose para fazer o pagamento, nessa passagem do pagamento por peso para o pagamento pelo teor de sacarose.

I.P. – Basicamente, no sistema de pagamento por peso, acontecia o seguinte: o caminhão parava na balança, pesava, e tinha a pessoa que observava a entrada da cana, e tinha um sistema que ele olhava a carga assim... “Essa carga está com muito coloniã, essa aí é 7% de desconto.” Aí chegava... O 2% era o de praxe. Não menos que isso. Porque 2% era referente

a um carregamento mecânico. Porque vinha terra, vinha impureza, então, 2%. Mas ficava muito aos olhos do balanceiro, como a gente chama. Porque a própria pessoa que pesava olhava a carga. “Opa! Essa cana não queimou bem, tem muita palha, 10%.” E, assim, as coisas funcionavam. A partir disso, se criou todo um sistema de como fazer amostragem da cana, de como levar essa amostra para o laboratório, as condições de análise dessa cana no laboratório, todo um sistema, que foi trabalhado há um bom tempo antes, dos parâmetros das análises dessa cana. E isso traria, toda essa... A oportunidade, que eu acho que foi importante para todo mundo, essa questão, que foi a oportunidade de as associações terem constituído grupos para fiscalizar todo esse sistema, desde a amostragem até o resultado final da análise de cana. Então, eu acho que criou uma maturidade muito grande para o setor e permitiu aquela *evolução* que eu te falava, que as pessoas passaram a não mais pensar em tonelada de cana por hectare, e sim em tonelada de açúcar por hectare. Isso fez com que nós... Um grande *plus*, porque você tinha canas que se comportavam melhor em início de safra, em meio de safra, em final de safra. Eu acho que deu oportunidade de a área produtiva trabalhar muito bem essa questão, não só as unidades produtoras, que também tinham cana, mas também os produtores independentes. E o pagamento era feito descontando-se uma taxa para que as associações administrassem essas questões. Então, funcionou maravilhosamente bem. No começo, muita restrição, porque os maus produtores acabavam recebendo menos e os produtores que se tecnificavam acabavam recebendo mais. Você tinha lá, de um preço padrão, você tinha um ágio para o produtor que entregava uma cana de melhor qualidade e um deságio para um produtor que entregava... Então, essas coisas ajudaram muito. Eu acho que foi o grande ponto positivo dessa época. E eu estava lá com o dr. Roberto e mais duas pessoas já mais experientes, nesse conselho, e dentro desse conselho, também, com duas pessoas de formação mais recente, que era eu e um outro companheiro de conselho, um de formação de agronomia, também com uma experiência já... tinha sido professor. Então, juntou um conselho ali que foi muito positivo. E tinha um advogado, também, que mesclou as discussões – nesse ambiente, eram extremamente salutares. E aí foi, basicamente, meu início de trabalho na questão associativa, que depois, ao longo do período... No município de Guariba, tínhamos essa associação, que era específica de produtores de cana; tínhamos a cooperativa, que, a essa época, também era específica de produtores de cana; e tinha uma cooperativa de crédito rural também. Empresas distintas, mas que atuava na parte de estruturar crédito para os produtores e fazer uso daqueles recursos do crédito rural, e que

permanece até hoje, e à qual, eu, hoje, estou na presidência do conselho dessa cooperativa de crédito. Isso tudo, na minha vida, eu acho que foi o grande diferencial. A falta de oportunidade de sair fora para estudos, para, enfim, criar um ambiente intelectual mais diverso em relação ao mundo, através dessas entidades que eu participei, permitiram que eu fosse me atualizando. Poder continuar na minha produção agrícola, mas estar bastante vinculado com essas questões aí de estar... Ter oportunidade de estar um pouquinho, aqui em São Paulo, mais presente em algumas organizações; um pouquinho lá em Brasília; participar de alguns grupos de viagem aí para o exterior. Eu acho que isso veio agregar muita coisa boa na minha vida.

M.G. – As usinas aceitaram bem essa mudança do peso para a sacarose? Ou houve problemas com as usinas?

I.P. – Naquele tempo era interessante. Às vezes, democracia é um instrumento bom, mas nem tanto. E nessa questão, eu vou falar que nem tanto, a democracia não era... Porque não tinha acordo: o IAA determinava, e cumpria-se. Então, confesso para você que muitas usinas se mostraram restritivas, talvez pela falta de conhecimento do que isso poderia trazer de benefício. Porque, no momento inicial, quando você paga x pela cana e começa a pagar x mais alguma coisa, basicamente, é recurso que você tirou da indústria e distribuiu para uma infinidade de fornecedores, que tem um positivismo muito grande, porque você vai, na verdade, alimentar o teu produtor, que vai continuar colocando matéria-prima para você. E eu sou pautado muito, da minha vida, por isso. Eu acho que todo benefício que a indústria pode repassar para o produtor é benefício para ela mesma, porque o produtor vai tecnificar, vai produzir melhor, e vai vender essa cana para essa usina, mesmo. Eu acho que o ganho... E às vezes as questões econômicas acabam tendo uma importância muito maior de curto prazo e as pessoas não veem essa bela coisa positiva que é você estar podendo distribuir a sua renda para vários produtores e permitindo que eles se tecnifiquem e produzam mais e melhor, e cria um círculo virtuoso aí da [...] excelente, não é? Mas não foi fácil, não. Restrições de todo lado. Mas a determinação estava dada, a portaria do IAA assinada, e o seguinte: aí de quem não cumprisse! Porque uma denúncia de uma associação batia lá, a usina tinha restrições quanto à produção dela, a emissões de nota. Não era fácil, não. Vem um pouco daquela época da... Mas eu entendia isso como sadio. Porque o projeto da lei canavieira é um negócio

extremamente interessante. Ele tem uma baita de uma questão social envolvida, mas que se preocupou com toda a cadeia, inclusive as interferências da cadeia, permitindo assistência social, permitindo assistência técnica, melhoria disso e daquilo. Ela é uma lei muito bonita, muito bonita.

M.G. – Deixa eu fazer uma outra pergunta para o senhor desse mesmo período em que há essa mudança. Não sei se o senhor teve algum contato mais direto, se teria algo a dizer. Nessa mesma época, mais ou menos nessa mesma época, as usinas tentaram mudar o esquema de remuneração do trabalho dos cortadores de cana, o que acabou resultando em um levante nessa região...

I.P. – Coincidentemente, lá em Guariba.

M.G. – Em Guariba, pois é, a revolta de Guariba, com quebra-quebra na cidade. O senhor lembra disso?

I.P. – Eu acho que tudo fez parte de uma evolução. Talvez fosse preciso ter acontecido para realmente cair a ficha e ver que têm algumas coisas que não estão bem corretas. Eu acho que, a essa época, algumas insatisfações. E isso lembrando que, a essa época, 100% da cana era cortada manualmente e você tinha uma série de problemas. E, na verdade, o negócio vinha caminhando relativamente bem por conta de controle. E você ter, com raríssimas exceções, problemas sérios de determinação de preço, porque você tinha, à época, também, uma inflação muito alta que era extremamente danosa para todo mundo, mas que você tinha determinação do preço – passavam 90 dias, o preço era o mesmo e você estava completamente defasado. E essa questão do trabalho, eu acho que ela foi se ajustando. Infelizmente... Ninguém gosta desse tipo de movimento, mas daí a você ter interferências de alguns grupos radicais dos dois lados... E isso nunca é bom. Eu acho que as questões têm que caminhar para uma centralização, para uma forma, hoje, muito comum, que é do diálogo, da conversa e tentar resolver os problemas. E eu acho que isso aconteceu naturalmente. Infelizmente, teve esse incidente. Não era bom que acontecesse, mas aconteceu, e uma vez que aconteceu, o futuro mostrou que as coisas caminharam melhor. Então, eu acho que o ponto positivo daquele desastre foi as coisas caminharem melhor, com pouquíssimas...

Raríssimas vezes, de lá para cá, nós tivemos formações de grandes movimentos, mesmo por conquistas salariais. Eu acho que deu... Após isso, nós tivemos uma tranquilidade maior para inclusive negociar e fazer e acontecer, e as coisas vêm acontecendo e, felizmente, hoje... Felizmente, eu digo por duas questões: primeiro, pelo fato de se ter evoluído e ter produção de máquinas que fazem colheita, que permitiu o crescimento, que permitiu ao trabalhador ter um trabalho melhor, e essas pessoas estão sendo treinadas e adaptadas, e melhorou a condição no emprego, e segundo, pela questão ambiental. Porque, fatalmente, nós estaríamos queimando toda a área de cana, coisa que hoje toda a área produtiva é contra. Ninguém quer insistir em continuar queimando porque sabe que boa parte dos ganhos ambientais que você tem, quando você queima a cana, você perde um pouco, ainda que o balanço seja positivo. Mas não está na cabeça, eu acredito que da grande maioria dos produtores, continuar essa questão de se queimar a cana. E as coisas têm evoluído. Aqui em São Paulo, caminhando muito bem. Nós assinamos um protocolo com o governo do estado e isso permitiu que isso... Não se acelerou mais pelas crises de preço que nós tivemos. Porque, se não fosse as crises de preço, certamente, a gente estaria mais evoluído. Mas a gente acredita muito forte que até 2017 a gente tenha extinta a queima da cana.

M.G. – Totalmente?

I.P. – Totalmente. Nas áreas mecanizáveis, que é o grosso, até 2014, e uma pequena parcela deve ficar entre 2014 e 2017, mas muito pequena e, basicamente, vinculada a regiões mais problemáticas, principalmente com relação à topografia.

M.G. – O senhor, nesse seu início, o senhor teve assistência técnica? O senhor lembra de alguma coisa importante nesse sentido, tanto da parte do governo do estado ou das cooperativas?

I.P. – Das cooperativas, sim, por estar numa região onde você tem cooperativas preocupadas com sua atividade. Porque, na verdade, a razão da existência da cooperativa é trabalhar para nós, que somos os cooperados. Então, eu acho que isso permitiu que grupos de técnicos das cooperativas tivessem formação específica em determinadas áreas. E a gente vive consultando essas pessoas, vive se opinando com essas pessoas, para que os nossos negócios

caminhem melhor. Dentro da agricultura, a diversidade é muito grande, então, você tem um problema específico de praga de cana-de-açúcar, você tem um problema específico de doença de soja, de doença de amendoim, e isso, para um produtor que desenvolve diversas atividades, talvez seja um pouco difícil para ele estar administrando tudo isso, e o auxílio da assistência técnica da cooperativa é fundamental. Eu comecei no associativismo, fui para o cooperativismo, vejo nisso um grande ponto de melhoria. Eu sou meio fanático por essa área, aonde você consegue juntar e ter pontos comuns que vão ser muito melhor administrados do que se você ficar cada um lá disperso, querendo fazer as coisas acontecerem sozinho. Então, eu vejo que essas instituições cooperativas que acabam tendo vínculo com as universidades, acabam tendo vínculo com empresas de pesquisa, acabam tendo vínculo com vários segmentos que trazem uma enorme facilidade para o grupo de cooperados. Então, eu acho que a cooperativa foi e é fundamental nessa área de assistência técnica, como também na área de comercialização de produtos.

M.G. – De início, qual foi a primeira entidade da qual o senhor participou?

I.P. – Foi esse conselho do Departamento Técnico...

M.G. – Da associação?

I.P. – ...da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba, e um pouquinho mais para frente, já entrando no Conselho Fiscal da Cooperativa dos Produtores (Coplana), e passado mais algum tempo, eu já fui para o conselho, fui vice-presidente. Na mesma linha, na cooperativa de crédito, um pouquinho mais para frente, participando também de um Conselho Fiscal, participando de um Conselho de Administração, sendo também diretor Operacional, e indo, depois, numa linha, para presidente da Associação dos Produtores de Cana, tive um mandato de três anos, depois fui eleito por mais três anos. Na cooperativa de produção, muito efetivo, fui vice-presidente por alguns mandatos, e na cooperativa de crédito, também, sendo do Conselho Fiscal, conselheiro, diretor e hoje sendo presidente do conselho dessa cooperativa de crédito. E essas entidades me permitiram... Me permitiram não; os amigos forçam um pouquinho a barra e te jogam lá na fria, e hoje eu presido uma entidade que congrega trinta e quatro Associações de Produtores de Cana da Região Centro-Sul, que é a

Organização dos Produtores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (Orplana), e participo também, no setor de crédito, da Central de Cooperativas de Crédito do Estado de São Paulo, em uma das diretorias.

M.G. – Não tem superposição entre os trabalhos dessas diferentes associações, não? Elas não podiam...?

I.P. – Não. São todas com atividades distintas.

M.G. – O que é que diferencia?

I.P. – A única coisa que diferencia um pouco é que judia de mim demais, porque eu tenho que ficar numa correria e praticamente deixo um pouco, às vezes, o meu negócio próprio à parte. Boa parte dessas funções – a gente, lá em Guariba, sempre prezou muito por isso –, elas não são remuneradas e isso tem tempo para começar e parar. Eu cumpri a minha gestão na associação; hoje estou lá como conselheiro, mais para estar participando, como eu ainda participo da Orplana, dar um suporte para o atual presidente. A questão da Orplana, o meu mandato vence agora em março do ano que vem, estou de mala pronta já, tentando conduzir, tentando trazer para junto algumas pessoas que tenham possibilidade de continuar conduzindo a entidade. Enfim, acho que essa questão, para mim, foi um pouco... um pouco excessiva, na questão de dedicação, porque são ambientes totalmente diferentes. Uma coisa é a área da... a responsabilidade da Orplana e da associação, que é relacionamento com usinas, é relacionamento institucional, com políticas públicas. Enfim, é uma das atividades. Quando você vai para a área de crédito, já é totalmente segmentado, você vai trabalhar muito essa questão que, até então, na nossa cooperativa, era a questão de crédito rural. E, praticamente fechando junho, nós fizemos um processo junto ao Banco Central do Brasil e mudamos a característica dela: ela não é mais, hoje, só de crédito rural e ela passou a ser uma cooperativa de livre admissão, onde a gente vai tentar otimizar essa questão de trabalhar os recursos. Então, hoje, é possível qualquer pessoa, seja ela pessoa física ou jurídica, ser associada à cooperativa. E isso é um desafio, porque quebra uma rotina nossa de 37 anos de trabalhar só com produtor rural e é, realmente, um grande desafio. Então, na pergunta, efetivamente, que você me fez, nenhum desses segmentos tem superposição. Às vezes, têm algumas coisas que

a gente pode estar trabalhando junto: a questão de crédito rural é uma atividade das cooperativas de crédito, mas tem uma forte influência da questão associativa, porque você, junto às esferas governamentais, você pode tentar atuar para que as condições do crédito rural melhorem. Então, as superposições que têm, eventualmente, são na mesma direção.

M.G. – Mas, na cooperativa de crédito, vocês têm pessoal que vem do mercado financeiro atuando junto com vocês?

I.P. – Hoje, o Banco Central do Brasil faz algumas exigências fortes – e eu acho isso extremamente salutar – na questão do gerenciamento das cooperativas de crédito. Porque elas são do sistema financeiro, os rigores são idênticos ao sistema financeiro – banco, consórcio... Tem toda uma necessidade de cumprimento de regras que você não pode, de maneira alguma, ficar alheio a isso. Então, o início da cooperativa, lá em 1974, ele foi iniciado com pessoas vindas de banco. Hoje, basicamente, a formação se dá dentro do próprio sistema. Existem algumas diferenças básicas entre banco e cooperativa de crédito e é importante que a marca da cooperativa de crédito fique... os trabalhos... fique impregnado na cabeça das pessoas que trabalham com cooperativa de crédito. Então, hoje, a gente está num movimento que, certamente, vai nos levar a uma maturidade grande e permitir que as cooperativas de crédito sejam extremamente sólidas. A cooperativa de crédito de Guariba é uma cooperativa dessas e já está numa linha bastante forte de procurar ser uma dessas entidades bastante firmes, bastante profissionalizadas. E isso a gente não vê nenhuma dificuldade. Esse processo nosso vai levar a uma maior profissionalização. E hoje o grupo de diretores, hoje, que estão lá em atividade, praticamente, no próximo mandato, ele passa a quase que ser exclusivamente profissionalizado. É importante que o Conselho de Administração não perca a questão do foco da cooperativa. Porque o foco da cooperativa é servir o cooperado, e às vezes, quando você passa só para o profissional, ele começa a olhar muito, talvez, só a cooperativa em si. Mas a cooperativa não é o fim; é o meio. E o fim é trazer melhor rentabilidade e menor custo para o cooperado. E aí a importância do Conselho de Administração é fundamental, para direcionar os caminhos e os rumos a serem trabalhados pelos diretores.

M.G. – É melhor pegar crédito das cooperativas de crédito do que do sistema financeiro tradicional, do banco?

I.P. – Olha, basicamente, a gente tem tomado recurso exclusivamente de crédito rural. Os outros créditos, o sistema financeiro encarece demais e eles não são viáveis. Então, a ideia básica é o seguinte: tomar o que é possível de crédito rural para os produtores rurais e trazer do comércio, da indústria, das pessoas físicas um volume de recurso suficiente para você rodar dentro de casa a questão de crédito e empréstimos. Isso te dá uma margem melhor e vai permitir, lá no final, que o juro pago pelo cooperado possa ser menor; os resultados da cooperativa, quando existirem as sobras, volta para os cooperados; o juro que ele pagou, quando do fechamento do exercício, permite que você... com a sua participação relativa, recebendo recursos da sobra, esse juro caia mais ainda. Então, é um sistema que eu... Por estar regionalmente e ter custo administrativo baixo, ele permite que você tenha uma eficiência muito maior, quando diz respeito ao custo do cooperado para trabalhar com a instituição financeira. Porque, praticamente, hoje, nós temos quase que toda a linha desenvolvida pelo sistema financeiro tradicional de banco administrada por uma cooperativa de crédito. Acho que a única coisa que talvez esteja faltando um pouquinho diz respeito a eventuais remessas ou recebimentos do exterior, que é a parte de câmbio, que o Bancoob, certamente, está trabalhando e isso, mais um pouquinho de tempo, vai ser possível.

M.G. – O senhor falou que, a partir do momento que o senhor começou a participar mais, tanto das associações quanto das cooperativas, o senhor passou a ter que viajar muito, se deslocar muito. Quem fica tocando o negócio, a empresa, a terra, nesses momentos que o senhor está mais afastado? Como é que fica isso, a gestão lá do negócio?

I.P. – Depois eu vou me permitir voltar um pouquinho para contar a história que eu acho que eu tive uma grande influência, que é a questão da cooperativa de produção. Mas hoje, com esse sacrifício, essas andanças, hoje, eu confesso que eu fico pelo menos uns... dos cinco dias úteis, eu fico uns três e meio ou quatro fora. Para isso, eu fui obrigado a criar um corpo, uma estrutura, na propriedade, para que ela fosse desenvolvida de maneira a não trazer grandes traumas na questão produtiva. Então, hoje, eu tenho lá um técnico agrícola que... É aquela coisa de interior e de fazenda: ele é filho de um funcionário, que a gente estimulou para que ele fosse fazer um Colégio Agrícola e que se formou e volta para trabalhar. E aí as coisas ficam mais fáceis, porque você já tem a adaptação, o jeito de ser. Então, isso me facilitou

bastante. E essa pessoa, hoje, me gerencia praticamente todos os trabalhos dessa propriedade. O restante do tempo, que eu estou presente, então, vendo, corrigindo, trocando ideia, procurando melhorar o que está ruim, aperfeiçoar o que é possível. Então, isso tudo a gente faz, nessas andanças. E eu realmente fico um pouquinho sacrificado, porque praticamente o sábado e parte do domingo, eu passo correndo atrás daquilo que não foi possível fazer durante a semana. Mas é passageiro, não é? E a gente, na roça, está meio acostumado. Esse negócio de trabalhar sábado e domingo é meio que normal na roça. Não muda muito para mim, não. Acho que é importante eu falar uma coisa que permitiu também que eu pudesse me dedicar mais: eu acabei me separando, meu casamento... Então facilita um pouco, porque você fica com mais tempo, a dedicação é quase que exclusiva para os filhos, e os filhos crescem um pouquinho e já têm uma vidinha... E isso realmente permite um pouquinho mais de tempo. A namorada não reclama tanto, então, as coisas vão caminhando assim. Mas, realmente, viagem... Viagem realmente toma muito tempo. Isso é... A gente está lá, e o dia que você vem para São Paulo é o dia praticamente dedicado, não tem como. Mesmo que você venha para um evento, o tempo de vinda e de retorno, hora de carro, hora de avião, mas você depende aí do horário do voo – não tem na hora que você precisa, na hora que você quer ir – e praticamente você perde... Indo a Brasília, é o dia inteiro; indo a São Paulo, é praticamente o dia inteiro. Essa frequência é quase que... Vai duas ou três vezes por mês para São Paulo; Brasília; Piracicaba, que é a sede da Orplana; Ribeirão Preto, que é a sede da Central de Cooperativas. Enfim, eu estou nessa turbulência aí, mas já com a visão clara de que meu tempo está chegando, nessas entidades pelo menos, já no seu final. É importante você ter isso, porque senão você esquece demais as tuas coisas.

M.G. – Mas, com essa atividade toda, o senhor não é procurado, por exemplo, por partidos para concorrer a cargos? Essas coisas são comuns acontecerem, quando você começa a ter uma certa visibilidade e representatividade, não é?

I.P. – Você sabe que isso, realmente, nunca estive no meu escopo. E as pessoas, às vezes, quando você vai por essa área, às vezes, você tenta ficar um pouco mais presente... “Puxa vida! Aquele cara lá já está querendo...”. E, realmente, isso eu tenho muito firme comigo. A procura, é óbvio que existe, houve, mas não faz parte do meu escopo. Eu acho que a minha grande função é poder estar junto com esse pessoal que é eleito, procurando transmitir

informações do nosso mundo lá do cooperativismo de crédito, da produção de cana, para que a política seja feita de uma maneira condizente com aquilo que está acontecendo, na realidade, lá no antigo sertão brasileiro, que hoje não é tão sertão assim, não é? Porque é de lá que eu vejo que saem as grandes coisas desse país aqui. Basta olhar os dados econômicos do país, dos últimos anos, e ver o que representou a atividade agrícola para o país. E é onde a gente fica, às vezes, imensamente decepcionado com o descaso dos governos com a questão agrícola. Isso tudo poderia estar num outro nível, se o governo tivesse talvez a sensibilidade de ver que a grande questão positiva para o país é a de agropecuária e fosse dado... Nada de... Nós não queremos nada de benefício, mas que fosse dado atenção. Porque os benefícios sairiam naturalmente.

M.G. – E como se traduziria essa atenção? O que é que falta fazer?

I.P. – Eu acho que o Brasil ficou... passou do rural para o urbano muito rápido. Diferentemente da Europa e Estados Unidos, onde as coisas foram muito lentamente caminhando e demorou demais para a maioria da população rural passar a ser urbana, aqui foi num prazo de 30 anos. Aí, de repente, aconteceu. E eu acho que falta um pouco de conhecimento das pessoas da cidade em relação às questões agrícolas. Hoje é comum você pegar crianças que acham que o leite está lá na caixinha e nasceu lá na prateleira do supermercado; os ovos estão lá e não sabe que existe uma galinha, que é plantado o milho e que é plantada a soja para fazer uma ração para alimentar essa galinha para ela botar esse ovo. Então... E eu acho que faltam pessoas com essa visão de agricultura no alto escalão governamental. O Ministério da Agricultura, ao longo de todos esses anos, que é o nosso ponto de eco lá, passou a ter uma depreciação muito grande. Daí, cria-se cisões que não têm nada a ver com o nosso negócio, e cria Ministério de Pesca, e cria Ministério de Desenvolvimento Agrário, e cria não sei o quê, e essas coisas servem para diluir os orçamentos, inclusive do próprio Ministério da Agricultura, e depois, a área de pesquisa, extremamente complicada, porque você tem uma Embrapa vinculada ao Ministério da Agricultura, que ficou sem verba. Felizmente o Silvio Crestana foi presidente da Embrapa, na gestão do dr. Roberto no ministério, e conseguiu mostrar para o presidente Lula que a pesquisa, a Embrapa, é um segmento importante. Voltou... Os técnicos estavam extremamente depreciados, extremamente... sem... com remunerações irrisórias. Enfim,

precisou todo um processo de reorganização para permitir que a Embrapa continue fazendo isso que ela sempre fez da melhor forma possível, que foi melhorar as questões de produção, desenvolver, fazer extensão rural, levar isso para as áreas produtivas. Então, eu acho que o governo teria, pelo que representa a agricultura, que ter mais pessoas vinculadas com a agricultura. E depois disso tudo, de tudo organizado, ainda fica dependendo de Casa Civil, de Ministério da Fazenda, disso e daquilo, para tentar se organizar as coisas. Então, talvez, a maneira mais simples: já que não pode ser o governo, que o governo tivesse, nesses canais, uma interlocução muito maior com o setor produtivo. Eu acho que esse talvez seja o grande pecado cometido pelo governo, que, na verdade, bota um... talvez, um monte de pessoas competentes, mas completamente numa rota diversa do que aquilo que seria interessante para toda a comunidade agrícola aí.

M.G. – O senhor estava falando há pouco que o senhor teve um papel importante na questão da cooperativa de produção.

I.P. – Vou tentar resumir, porque eu acho que é uma historinha interessante que vai bater depois com a questão do amendoim e que é basicamente o seguinte: a gente começou uma participação – uma região produtora de cana; a cooperativa, específica de produtores de cana – e já brigamos bastante, no meu início de atuação, para que a cooperativa abrisse seu estatuto social para produtores que não de cana, e aí criou um ambiente muito bacana para produtores de amendoim. Porque a região já havia, no passado, década de 1960 e 1970, havia sido um grande produtor de amendoim. Depois, com a introdução da soja, o amendoim perdeu valor, porque a soja, para a produção de óleo, ficou muito mais econômica. Mas, enfim, já existia a cultura de produção de amendoim na região. E a cultura de amendoim casava muito bem com a cultura de cana, porque permitia se fazer rotação das áreas de cana com amendoim sem interferir nada, nada, nada na produção de cana-de-açúcar. E você tinha lá um terreno que em alguns momentos ficava sem nada e poderia estar produzindo amendoim e soja. E na década de 70, final da década de 1970 ou 1980 que entrou a questão da soja. Então, a gente brigou muito para que a cooperativa de Guariba montasse uma unidade de recebimento de amendoim e de soja e de milho, que, eventualmente, você tinha alguma coisa. Essa unidade está lá, se aperfeiçoou. Aí tinha a questão varietal que eu comentei com vocês há pouco. E aí a gente em convênio com o Instituto Agrônomo de

Campinas, para permitir ter recurso. Porque não tinha recurso para amendoim. O amendoim representava muito pouco, mas, para a região, ele seria importante. Aí nós tivemos que sair da questão de produção de amendoim com visão para produção de óleo e voltar para a produção de amendoim para a alimentação humana, num outro contexto completamente diferente. E essas coisas foram acontecendo. Aí houve a introdução de variedades de amendoim de uma maneira não muito técnica, pulando um caminho, muito semelhante à introdução de organismos geneticamente modificados, que acabou vindo da Argentina para cá. E o amendoim também veio da Argentina para cá. São outros tempos. Não era a maneira correta, mas, não fosse isso, as coisas não teriam caminhado. Você sair de uma produção de cem sacas de amendoim por hectare para uma produção de praticamente duzentas, dobrando a produção, mecanizando, permitindo uma série de inovações: montagem de uma estrutura; montagem de estrutura de secagem; eliminação de aflatoxina, que era o grande problema, que é uma doença com possibilidades de ser cancerígena. E isso tudo veio se acomodando, e eu participando muito desse processo, porque a unidade de grãos da cooperativa, que fica lá em Jaboticabal, eu tinha uma participação muito intensa. Tinha muito relacionamento com o gerente da unidade, então, visitas em alguns países, buscando informações, buscando tecnologia, buscando formas de fazer as coisas acontecerem mais rápido, culminando agora com... Puxa vida! Nesse meio de processo, uma história que eu não posso deixar de contar. Mas as coisas foram acontecendo e a gente tinha uma preocupação... primeiro, com acertar a posição de fornecimento de matéria-prima, para depois cuidar da unidade industrial que iria preparar esse... De repente, a coisa avançou tanto na agrícola, a produção explodiu, e a gente estava sem a estrutura pronta. Aí tivemos que fazer financiamento. E o único agente que apareceu à época para ter essa rapidez foi o Banco Santos, de um... Nesse meio de tempo, o Banco Santos quebrou. Num financiamento de onze milhões de reais, nós perdemos sete. Então, o custo foi lá para cima. E, felizmente, hoje, nós estamos com uma unidade que é, com certeza, com certeza... Culminou agora, nesses últimos períodos, o ano retrasado, onde nós conseguimos importar um sistema de beneficiamento *top*, talvez um dos melhores do mundo, de uma empresa americana, e esse processo foi concluído agora, com novos investimentos. E isso faz com que... As condições de produção dessa unidade vão permitir que a gente tenha bastante avanço, porque, realmente, ela fica muito mais econômica. O padrão é outro. E praticamente, hoje, a cooperativa exporta aí 60% dessa produção de amendoim para o Mercado Comum Europeu, basicamente. Então, isso realmente foi um trabalho que...

Tivemos uma resistência muito grande lá atrás, em abrir o estatuto da cooperativa, e montar a unidade receptora de amendoim e soja foi outra briga homérica, porque dependia de investimento, de recursos, isso e aquilo. Mas isso tudo, confesso que a minha ação ajudou bastante para que esses negócios fossem realizados e acontecessem, e hoje a gente tem lá uns 300 produtores de amendoim vinculados a essa unidade, que continuam na produção de cana como pequenos produtores e têm o amendoim agregado. E permite a ele continuar na atividade agrícola, porque talvez, pelo tamanho, na atividade de cana só, não seria possível ele ter continuado. Então, abriu um leque. Toda essa movimentação, você traz para dentro da cooperativa de crédito, e impulsiona também os negócios da cooperativa de crédito, que, no fim das contas... e estimula os comércios locais. É uma rede de ações que permite que boa parte disso tudo fique sendo administrado ali pela região, permite gerar ICMS para a prefeitura que a cooperativa está inserida, o município que ela está inserida. Então, é extremamente positivo e gratificante.

M.G. – E tem certificação para amendoim, também? Porque para vender para o Mercado Comum Europeu...

I.P. – Hoje nós estamos certificados com uma empresa inglesa. Eu vou ficar te devendo... da IR... Eu vou ficar te devendo. Depois eu te passo. Mas hoje o produto está certificado. Nós temos um avanço também forte na... O processo já inicia nas lavouras. Tem toda uma corrente. A unidade já está com o certificado pronto e alguns produtores, hoje, já se encontram certificados.

M.G. – A soja, vocês também beneficiam?

I.P. – A soja, não. A soja, a gente só faz a recepção e tenta juntar grupos, para fazer uma comercialização conjunta. Mas, basicamente, nós temos a área de armazenagem e a comercialização.

M.G. – Mesmo com essa melhoria, esse negócio da produção do amendoim, o senhor falou que a sua propriedade, hoje, grande parte é cana. O senhor continua produzindo amendoim?

I.P. – Toda a área de reforma, 100% da minha área de reforma de cana é plantado amendoim.

M.G. – Amendoim.

I.P. – Pela especificidade, também, eu conduzo em parceria essa produção. Eu tenho um amigo que é agricultor, um especialista em amendoim e que, certamente, produz muito melhor que eu e me permite ter produtividades muito boas. Não interfere praticamente na minha produção de cana, então, maneira.

M.G. – Vocês começaram a crescer quando, a comprar novas áreas?

I.P. – É óbvio que a gente cresceu muito, mas foi, basicamente, por dois momentos: principalmente, devido a um bom ano na produção de cana, que teve um suportezinho de uma pequena produção de amendoim e teve uma grande colaboração daqueles investimentos em irrigação que foram feitos e que me permitiram dois ou três anos com sucesso nisso. Na primeira etapa, a gente teve um pouquinho de sorte, porque acabou adquirindo uma propriedade de produção de cítricos, e aí, em 1984, houve uma grande geada na Flórida e houve valorização e aí a gente acabou tendo oportunidade, dessa parte de cítricos, colaborar um pouquinho nisso. Aí foi pecuária. Teve oportunidade de aumentar um pouquinho a área produtiva. Hoje, a gente tem trabalhado mais... Não muito no nosso foco a aquisição de terra, porque terra, no país, está um problema sério, por essas questões...

M.G. – De preço?

I.P. – ...ambientais, preço... As questões do trabalho em si, no Brasil, estão um pouco complicadas. Gerar emprego hoje no Brasil é complicado. A legislação trabalhista é muito exigente, totalmente diferente de boa parte dos países de primeiro mundo. A relação, aqui, está muito... às vezes, tendenciosa. O aparato das questões trabalhistas nos tribunais é de ter proteção excessiva ao trabalhador. Isso cria um ambiente que, hoje, os bons trabalhadores estão tendo muita... aos maus trabalhadores que insistem com a entrada em processo. Aquilo acaba causando um problema. Acho que essa questão trabalhista, no Brasil, ela... como também a questão agrária: a gente fala, fala, fala, mas o país está meio emperrado por conta

dessas questões, principalmente, para as pessoas que vêm investindo e que não conseguem ter segurança, principalmente nesses quesitos aí. Mas é uma etapa que, certamente, vai ser vencida. Precisa ser feita alguma coisa para permitir que os trabalhadores tenham a sua segurança, mas que os... também tenham maior segurança para poder estar gerando novos empregos e fazer realmente as coisas acontecerem. A questão ambiental, eu acho que ela é mais traumática. Muito por falta de conhecimento, principalmente das pessoas urbanas, e de ter aquela posição de que a árvore é do bem e a produção é do mal, porque a produção agrícola prevê que você tem que usar a terra, desmatar, fazer isso, fazer aquilo. Isso traz uma imagem muito negativa. Porque, na realidade, as pessoas precisam de alimento, precisam de energia, e às vezes as pessoas esquecem isso e ficam muito voltadas às questões de meio ambiente, como se meio ambiente fosse só árvore plantada... E do Código Florestal que foi aprovado e estão em discussão algumas matérias que... medida provisória. Eu acho que tem que evoluir e deixar que a ciência seja a responsável pela formação do que é importante para a preservação e o que é importante para a produção. Eu acho que de ambos. Não vou retirar a culpa de alguns produtores rurais que não têm essa... na questão macro. Os radicais dos dois lados atrapalham demais.

M.G. – Tanto a questão ambiental quanto a questão trabalhista, a chamada responsabilidade social das empresas, interna, mas tem também internacionais, ainda mais... Quem quer se colocar bem, hoje, no mercado internacional tem que tomar cuidado. E a questão...

I.P. – Aí eu na questão da formação da legislação. Quando você tem legislações extremamente rigorosas, por exemplo, nas questões ambientais, a forma pessoal – olha, é a sua [inaudível] está sendo efetiva. Quando você tem uma legislação [inaudível] Começa a ter [inaudível] que não é bastante saudável. A nossa: por que você tem que ter 20% de reserva legal, quando nenhum dos teus [inaudível] E talvez análise. Então, quando você tem também uma legislação trabalhista com uma série de rigores que alguns outros países que estão no mercado não têm, você acaba numa concorrência desleal. Eu acho que é importante para a gente [inaudível] A respeito, ficou muito claro, agrícola, como é no mundo inteiro. Mas de que não [inaudível] a produção [inaudível] e importar arroz. Praticamente [inaudível] a produção de arroz no Brasil. E esse arroz iria vir de algum outro país. Então, eu acho que fica uma coisa muito forte de que [inaudível] Felizmente, houve o entendimento de que ela pode

ser trabalhada, sim, para a produção agrícola. E [inaudível] continuar [inaudível] arroz, coisa que vem sendo feita [inaudível]. Porque o arroz é uma cultura de várzea, não é? Eu acho que essa dificuldade de entender as questões e [inaudível] coerente como uma questão internacional. Mas as pressões existem. A gente sabe que boa parte [inaudível] muito forte. A [inaudível] na questão econômica é bastante presente e [inaudível] avaliar. Mas [inaudível] a gente tem a obrigatoriedade de cumprir. [Inaudível] que representamos entidades, que representamos o produtor, [inaudível] mostrar [inaudível] erro na confecção de uma legislação pode trazer de malefício para o país.

M.G. – [Inaudível] na Frente Ampla da [inaudível]. Além disso, como a entidade, a cooperativa [inaudível].

I.P. – Eu acho que esse Código Florestal foi um ponto de mudança, no que diz respeito à participação do produtor rural. A gente sabe que a democracia às vezes exige atualizações, conhecimento, para poder estar tendo esse tipo de participação. Coisa que, para o produtor rural, é um pouco mais difícil, porque, na verdade, o vínculo dele é com a produção. Para o produtor rural, seja ele de qualquer atividade, deixar a fazenda dele e ir para Brasília brigar, conversar... É muito difícil, é muito difícil. Porque Brasília é aquilo, você vai, fala uma, duas, cinco, dez, quinze, vinte, trinta vezes... Eu acho que isso traz um papel importantíssimo para que as lideranças cada vez mais estejam mais atualizadas e mais presentes. O líder não... não estar constantemente em Brasília, seja ele de qual área de produção for. Uma vez que ele se propõe... ou representar algum grupo de..., ele tem a obrigação de estar presente lá. E... foram a Brasília... extremamente competentes. Nós temos a Organização das Cooperativas Brasileiras [OCB] que tem uma assessoria parlamentar que [inaudível] passam informações, requisitam a presença de cooperativas regionais, de cooperados: “Olha, é preciso fazer coro. Precisamos trazer gente. Vem para cá. Vai ter uma sessão tal, precisamos estar presentes, precisamos levar para os deputados, precisamos pegar mais deputados”. E isso [inaudível] ainda está um pouquinho deficitário, mas [inaudível] trabalho diferenciado. E esse episódio foi importante. [Inaudível] muito alinhada com a OCB, com deputados da base que conhecem [inaudível]. Então, você tem lá [inaudível]. São muito poucos. Se você [inaudível] a bancada ruralista, é bastante grande o número de parlamentares, pessoas vinculadas com a causa, que

saíram da causa, com formação de agronomia, com participação direta na produção, eu acho que são poucos e [inaudível].

[FINAL DO ARQUIVO 2]

M.G. – Bom, então, o senhor estava falando da importância desse trabalho junto aos parlamentares, ao Legislativo. Eu queria fazer uma pergunta para o senhor: os senhores trabalham também junto aos prefeitos, para que os prefeitos pressionem os parlamentares, os ministros? Porque essa pressão dos prefeitos também é importante, em geral.

I.P. – É fundamental. É fundamental. Infelizmente, a nossa cultura de ficar trabalhando na fazenda e esquecer que o mundo é maior do que só talvez nossa atividade impede um pouquinho dessas questões. E eu vou confessar que, nos municípios onde a gente está presente, eu tenho procurado fazer esse papel de estimular os prefeitos a conhecerem melhor o município deles na questão agrícola. E felizmente para nós, na nossa região, tanto os prefeitos de Jaboticabal, Sertãozinho, Guariba, Taquaritinga, que a gente está inserido nesse bloco, a gente tem tido uma participação bastante efetiva. Nas discussões, a gente sempre tenta pegar... convidar o prefeito e levá-lo junto. E começamos fortemente, nas últimas eleições, a participar inclusive na ajuda de alguns candidatos interessantes para o setor que a gente está atuando.

M.G. – Dr. Ismael, o senhor viaja muito para fora do país, para ver como que é a agricultura em outros países, trazer experiências de fora? Existe isso?

I.P. – Infelizmente, eu acho que eu demorei um pouquinho para fazer esse tipo de aprendizado. Isso iniciou praticamente em 1995 ou 1996, quando a gente realmente começou a ver a questão do amendoim com mais firmeza e grupos de pessoas foram para a Argentina, que tem uma produção de amendoim muito forte, e foram para os Estados Unidos – basicamente, ali na Geórgia, onde a produção de amendoim é forte. Na área de cana, quando iríamos passar por um outro processo, que foi a desregulamentação do setor, que o IAA foi extinto, a gente também pôde participar de grupos de viagem. Na minha representatividade, me permitiu conhecer alguns países interessantes aí na área de produção. Eu acho que é um

investimento importante e necessário para as lideranças, embora pessoas ligadas ao setor às vezes tenham uma visão de que essa ida é por conta de turismo. Eu acho que isso precisa mudar. Eu acho que uma viagem técnica bem-feita, bem coordenada é um instrumento extremamente grande de aprendizado. Eu participei... Uma viagem que me marcou bastante foi [com] um grupo de líderes de cooperativas do Paraná e aqui de São Paulo, onde nós tivemos a oportunidade de fazer uma visita muito interessante à Nova Zelândia e Austrália, à área de produção de alguns produtos da Austrália e à área de produção, basicamente, de lácteos e ovelhas, na Nova Zelândia. Eu acho que isso traz informações importantíssimas. O fato que está acontecendo no Brasil agora, que eu espero que tenha... que as pessoas aproveitem esse momento que o país está vivendo, e muita gente teve oportunidade de sair para fora, de classe baixa que ficou média, que teve uma oportunidade a ir para um país do exterior e procurar... talvez, ver as questões comuns de vida, na parte de educação; na parte de trânsito, que é uma besteirinha, mas que, quando você sai... E que isso as pessoas tragam consigo e tentem fazer movimentos de melhoria. Eu acho que para mim foi fundamental. E eu tenho participado de alguns eventos e todos eles, todos, sem exceção, você acaba trazendo coisas positivas e que, ou mais ou menos, um dia você vai estar podendo usar ferramentas desse aprendizado.

M.G. – O senhor casou com que idade?

I.P. – Acho que eu tinha 30 anos, ou 31 anos. Fiquei casado por 15 anos, tive dois filhos...

M.G. – Os nomes dos filhos.

I.P. – Otávio e Felipe.

M.G. – E o que eles fazem?

I.P. – O Otávio, hoje, está com 19 anos, está cursando agronomia em Piracicaba, e o Felipe mora em Ribeirão Preto com a mãe, está no primeiro colegial, ainda indefinido que carreira seguir. Mas, basicamente, e eu cobro muito os dois, fim de semana é lá na fazenda, na medida do possível. Agora, com o Otávio na universidade, é um pouco mais difícil. O Felipe,

também, ele está com 16 anos, já vai entrando naquela fase. Mas sempre procurando ter muito próximo à família e estar conversando com os tios e com os primos e saber que o porto seguro deles são os tios, são os primos, é a avó, é o pai, e estar junto no desenvolvimento pessoal dos dois.

M.G. – E a sua esposa, o nome dela é...?

I.P. – A antiga esposa era a Carla e minha atual namorada chama-se Vanessa.

M.G. – Mas a Carla vinha de famílias também de produtores rurais?

I.P. – Não. Não era da produção, não tinha...

M.G. – Não?

I.P. – O pai dela era... Ele tinha um escritório de projetos muito vinculados com o setor da indústria da cana-de-açúcar. Mas é só coincidência. Ele trabalhou, acho que por uns 25 anos, em uma unidade industrial e depois saiu e montou um escritório e foi responsável por muitos projetos de muitas usinas aí.

M.G. – E o senhor espera que seus filhos sigam... assumam o negócio? Porque uma das questões que eu tenho percebido nessas entrevistas é que o problema sucessório é uma preocupação grande, em geral, dos produtores. Nem todos os herdeiros querem seguir. Enfim, como garantir que o negócio continue, mesmo sem que os filhos...

I.P. – Isso é um problema da maioria que você citou e talvez meu também. Eu tenho comigo que, antes de alguém da família vir para trabalhar na fazenda, precisa, hoje, conhecer diversas questões de uma maneira um pouco mais ampla. Eu acho fundamental, independente da linha que for, ter um aprimoramento na questão de gestão, ter um aprimoramento na questão de conhecimentos gerais. Eu acho fundamental que meus filhos topem fazer alguns cursos fora, que era o meu escopo. E continuo pensando assim. Enfim, a determinação não está muito, hoje, pelos pais, mas no que depender da minha vontade, eu vou forçar muito. Da mesma

forma, meus sobrinhos, dois deles pelos menos, não estão indicando que vão para a questão da produção agrícola, mas, certamente, a oportunidade é que vai às vezes direcionar onde cada um deva estar trabalhando. Eu, sinceramente, eu acho que a agricultura é bom, você tem uma série de pontos positivos, mas tem essa coisa negativa que eu acho que é da dificuldade que a gente tem, o agricultor de maneira geral, em ser pouco reconhecido pelo trabalho que ele realiza, num país onde o fundamental ou o importante para o país, hoje, é a produção agrícola. Países com muito menos representatividade dessa questão, muito marcado, principalmente a Europa e os Estados Unidos, que hoje têm um problema muito mais sério que o nosso, que é das pessoas não quererem ficar na área agrícola mesmo, porque ela é mais complicada, é sempre o fundo do poço lá. Apesar de ter subsídio, isso e aquilo, as pessoas que estão no campo são diferentes do que as pessoas que estão na cidade. Então, eu entendo que talvez, depois de ter se capacitado bem, ver ele tomar a decisão, se quer vir, se não quer, se vai participar, se não vai. Eu acho que vai ficar meio alheio a isso, mas eu vejo claramente, pelo andar da carruagem, que a gente vai ter que apanhar um pouquinho mais lá, tanto eu como meus irmãos. Nós vamos ter que ficar um pouquinho mais lá. Porque antigamente você se formava e você já... de uma maneira ou de outra... Hoje, a formação é mais longa, tem mais o mestrado, tem o doutorado, e isso vai impedir que eles estejam diretamente, talvez, trabalhando no negócio. Ou, eventualmente, alguém vai vir, vai se interessar, vai querer. E isso depende aí de... A minha posição, eu volto a dizer, é que eles continuem com os estudos por um tempo mais prolongado.

M.G. – Por conta das dificuldades ou por conta do preço favorável, muita gente, hoje, está arrendando as suas terras para as usinas. Isso chega a passar pela cabeça de vocês?

I.P. – Eu estou numa luta para não tomar essa decisão que, economicamente, eu tenho convicção, certeza, absoluta convicção que seria mais rentável. Mas tem a tradição, tem o histórico, tem a vontade, tem a paixão. Essa decisão, pelos meus irmãos, já teria acontecido, e eu seguro um pouco. Enfim, não sei até quando vou suportar. Mas a gente continua desenvolvendo a atividade. Eu acabo fazendo uma produção de soja, também, em uma área que eu... A usina à qual eu forneço a matéria-prima me cede uma área para a produção de soja em rotação com cana e estamos tendo resultados de produtividade excepcionais. O que era 30 sacas por hectare na década de 1980, hoje são 65 ou 66. Eu acho isso fantástico.

Deixar isso, para mim, é um pouco sacrificante. Então, a gente vai, vai labutando, sabe que não está ganhando o que eu ganharia, se olhar só o econômico, mas tem toda essa questão. Tem uma turma lá de funcionários que está vinculada com a gente há vários anos e que a gente olha isso, porque, no dia seguinte, essas pessoas estariam disponibilizadas para o mercado, e boa parte deles são pessoas que já estão com a gente há 15 ou 20 anos e que talvez não tenham as oportunidades. E isso tudo acaba vindo para o nosso íntimo e não permitindo esse tipo de decisão de mudança.

M.G. – Só para fechar, então, eu queria perguntar como é que o senhor vê o futuro para o agronegócio brasileiro. O que o senhor acha que vai acontecer?

I.P. – Eu acabei passando por um ponto que eu gostaria de comentar, que é o seguinte: eu vejo as grandes produções com alguma dificuldade, principalmente no setor sucroalcooleiro. Grandes áreas, grandes empresas não estão tendo o sucesso esperado, pelo fato de a produção agrícola ser uma coisa um pouco mais específica. Hoje, eu vejo que bons resultados de produtividade são conseguidos com produtores tecnificados, em detrimento, na mesma proporção, de ter grandes empresas tecnificadas, com um corpo de funcionários extremamente competentes. Mas, ainda, aquela visão bem focada do produtor com um espaço físico muito menor, eu acho que permite trabalhar melhor a questão da produtividade. Então, eu vejo, principalmente no setor sucroalcooleiro, eu vejo que talvez, na área específica de cana-de-açúcar, o pequeno produtor, como vem acontecendo... O pequeno produtor de cana, há 30 anos atrás, era um produtor de 10 hectares. Hoje, o pequeno produtor é um produtor, talvez, de 40 a 50 hectares. Daqui a pouco, por uma série de questões... e a questão principalmente de módulo vai fazer com que essas coisas sofram alguma mudança. Mas eu acredito muito num modelo onde você tenha uma unidade industrial com talvez 30 ou 40 produtores extremamente tecnificados, com o suporte da empresa, a usina adquirindo a cana, tendo confiança naqueles produtores. Eu acho que as coisas aconteceriam de uma maneira muito salutar para os dois lados. Hoje, com essa avalanche de a usina querer arrendar, fazer, acontecer, gerenciar tudo, acaba perdendo... desgastando muito na questão agrícola. Não tem uma efetividade boa na produção industrial porque o foco está muito disperso. Eu vejo assim, que talvez a forma mais inteligente seja de você ter, vinculado a um empreendimento, um

grupo de bons produtores. E isso, necessariamente, eles vão ter que ser grandes produtores, porque a escala passa a ser fundamental.

M.G. – Está certo.

I.P. – Na produção, só para complementar, nas outras cadeias produtivas, talvez você tenha um outro tipo de formação ou de gerenciamento, mais... um pouquinho diferenciado. Mas, para a área de cana, eu entendo que vai ser... esse é um bom caminho.

M.G. – Então está bom. Eu queria agradecer bastante ao senhor pela entrevista, pelo tempo que o senhor gastou com a gente.

I.P. – Quem tem que agradecer... De vez em quando é bom... A gente, às vezes, até esquece algumas coisas que, durante a entrevista, a gente foi lembrando, “Opa! Preciso pensar um pouquinho mais nesse negócio aqui”. Às vezes, bate um pouquinho de emoção, porque você está contando... Você contar coisa sua é um problema, porque você bota um pingão mais de coisa, algum histórico da... de vida que você teve dificuldade. Enfim, acaba se emocionando um pouco. Mas eu acho que a grande coisa do fechamento é que valeu a pena: estamos aqui, estamos trabalhando, estamos com disposição, e isso é... Colaborou com alguma coisa.

M.G. – Que bom. Está ótimo.

I.P. – Obrigado pela oportunidade.

M.G. – Obrigado ao senhor.

[FINAL DO DEPOIMENTO]